

## UMA DESCRIÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: ENCRUZILHADAS E CAMINHOS

Gisele Santos Fernandes<sup>1</sup>  
Osmar Moreira dos Santos<sup>2</sup>

*Resumo:* A pesquisa em curso, “Mulher, Ser ou Não Vadia”: Corpo Feminino, Colonização e Discurso”, tem como foco investigativo as imagens e postagens, veiculadas no Facebook sobre a Marcha das Vadias, realizada no Brasil. Constitui-se uma metodologia de base exploratória e bibliográfica, cujo percurso se faz através das teorias de crítica cultural e de gênero. Tem como objetivo analisar, descrever e interpretar a construção dos sentidos mobilizados por diversas materialidades discursivas (verbais/ não verbais) que se dá através do corpo feminino em sua relação histórica com o sujeito e a ideologia.

*Palavras-Chave:* Marcha das Vadias. Corpo. Discurso.

### UM OLHAR POR TRÁS DOS TRAÇOS

Os autores Gilles Deleuze de formação filosófica e Félix Guattari, psicanalista, em Introdução: Rizoma (1995), propõem pensar para além da psicanálise, o Anti-Édipo. Rizoma, um conceito da biologia, um tipo de caule, muitas vezes, subterrâneo. Os autores apropriam-se desse termo para pensar a multiplicidade; para além da oposição do uno e do múltiplo, e dos

---

<sup>1</sup> É graduada em Letras Vernáculas UNEB (2013), Especialista em Letras: Português e Literatura SIGNORELLI (2015). Mestranda em Crítica Cultural (UNEB). Atualmente é professora da rede pública municipal de ensino. E-mail giselesantosnc59@gmail.com.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (1988), especialização em Estudos Literários pela UEFS (1993), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1996), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2001) e pós-doutorado pela Université Paris 8 (2004).

dualismos da consciência, da natureza e da história, do corpo e da alma.

Há um combate à subjetividade, dando possibilidades às novas reconstruções. Não somos mais nós mesmos; fomos “ajudados, aspirados, multiplicados,” ou seja; o processo de descentramento do sujeito, em que há a necessidade de se reconstituir. É assim que nos tornamos a ser. Para eles, “Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, datas e velocidades muito diferentes.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 2). O livro é uma construção, distanciada do sujeito, nós que somos atraídos por ele, apropriamo-nos, e fazemos a nossa história. Após o enfrentamento do eu é pela palavra que o sujeito se constitui.

No livro há as linhas de articulação, estratos, territorialidades, que representam a demarcação do poder e a sua concentração, os agenciamentos. Não obstante, oportunizam-se novos olhares para uma reconstrução a partir das linhas de fuga, que quebra o sistema, e rompe com as fronteiras nos movimentos de desterritorialização e desestratificação.

Todavia, estamos agenciados pelas forças de poder. O livro é apresentado como um agenciamento, no sentido de ser um conjunto de relações, porém, quando visto a partir de seu conteúdo, passa a ter uma concepção de agenciamento maquínico. O agenciamento é múltiplo, não é direcionado/estratificado. Um livro não deve ser observado isoladamente, mas sim nas suas transformações e relações.

Segundo os autores, “Um primeiro tipo de livro é o livro-raiz. A árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3). O rizoma, como sendo um caule que cresce periodicamente. É a representação de muitas linhas entrecruzadas; ou seja, são as conexões possíveis

dentro da ordem. Essa ideia de que o rizoma não se opõe às raízes. Ele opera junto com elas, que é esse sistema representativo pelas leis; e também pode operar fora da ordem. Podemos citar a pandemia; como mutativo e fora da ordem.

Os autores retratam a escrita como a cartografia; propõem um livro-raiz, arborescente, ordenado, onde a “arte imita a vida” e vice-versa. Esse livro tem uma raiz pivotante, direcionada. Nesse sistema cartográfico, podemos perceber que na medida em que fazemos rizoma, que conectamos os pontos, traçamos a cartografia. Surge o mapa representativo daquele processo. A escrita é sem dúvida, o elo para chegarmos a esses pontos, havendo a possibilidade da multiplicidade.

“A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica. Uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3) declaram eles pois. A raiz pivotante, compreende uma lógica, não o múltiplo, não a diferença. Os campos de sujeitos e objeto são trabalhados separadamente, numa ordem classificatória.

Nesse ponto, é possível analisar como os autores quebram com essa ideia de um pensamento linear, hierárquico, pois para eles; [...] O sistema-radícula, ou raiz fasciculada, é a segunda figura do livro, da qual nossa modernidade se vale de bom grado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 3).

O rizoma não se opõe árvore ao sistema. Ele opera junto com eles; as coisas estão sempre misturadas. A ideia de conexão, todos os níveis sagrados na raiz; podem ser cruzados. Essa capacidade de conectar, de movimentar, de transgredir, de entrecruzar é o rizoma: “O rizoma nele mesmo tem suas formas muito diversas, desde a sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 4).

Os autores ainda estabelecem algumas características aproximativas do rizoma: 1 — Princípio de conexão — qualquer ponto pode se conectar com qualquer ponto, uma linha pode se cruzar com qualquer linha. É o devir, quando ele não é nem uma coisa, nem outra ainda. Está no processo, no intermeio, é uma infinidade de coisas como: cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc;

2 — Princípio de heterogeneidade — “Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea”. Numa concepção de como o pensamento dentro da heterogeneidade pode se tornar homogêneo.

3 — Princípio de multiplicidade — “O múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 5). Tudo nessa lógica pode ser medido metricamente.

4 Princípio de ruptura a — significante — O rizoma pode se romper e formar linhas de fuga, havendo a possibilidade de se encontrarem novamente. No entanto, não possuindo as mesmas características; dimensões que ressignificam o significante.

5 Princípio da cartografia e de decalcomania — O rizoma não é decalque. O rizoma não pode ser reproduzido igualmente e infinitamente. O rizoma, de acordo com os autores, é mapa; possui várias entradas. “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8). A cartografia é também pensada com um método. Um mapa tem múltiplas entradas enquanto que o decalque volta sempre “ao mesmo”.

“A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção e... e.... e...” (DELEUZE; GUATARRI, p. 17). O pensamento arbóreo hierárquico é, então, quebrado, dando possibilidades, por vias de conexões, ressignificação e autonomia. É, sobretudo, um gerador de mapa que entra por onde se necessita entrar e permanece sempre aberto em todas as suas dimensões.

## **O PESQUISADOR EM DESCOBERTA**

Gaston Bachelard, epistemólogo francês e filósofo da ciência, em sua obra *A formação do espírito científico* (2005), renovou profundamente a história da ciência do seu período. Ele propõe rupturas epistemológicas nas ciências. A revolução que a teoria da relatividade promoveu na física levou-lhe a criticar a concepção do progresso linear da ciência.

Ele propõe, portanto, rupturas epistemológicas que se dão a partir de métodos científicos e visões científicas de mundo, resultantes de uma vitória do espírito sobre os seus próprios bloqueios. As condições psicológicas do progresso da ciência, em termos de obstáculos, o problema do conhecimento científico é colocado. Esse problema está situado no ato de conhecer, por onde surgirão os conflitos, já que; “O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. O real nunca é “o que se poderia achar”, mas é sempre o que se poderia ter pensado” (BACHELARD, 2005, p. 17).

Nesse sentido, o pensamento empírico só consegue maturação e argumentação consistente com o tempo. “Ao retornar ao passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual” (BACHELARD, 2005, p. 17). É nesse processo, que se destrói os conhecimentos mal

estabelecidos e supera no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização.

A ideia de trabalhar o conhecimento a partir do zero só é possível quando o saber é novo para todos. É difícil anular todos os conhecimentos sem considerar o conhecimento empírico daquele momento. “É impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber” (BACHELARD, 2005, p. 18). Nessa concepção, é importante tomar distanciamento do conhecimento empírico, para que o conhecimento científico seja construído. Assim, o cientista chega à descrição do objeto científico não pela descrição sensorial. As suas bagagens culturais, os conhecimentos cotidianos são anulados, mas, através da teoria, rigorosamente, fundamentada, livrando-o de influências particulares.

É nessa lógica que o pensamento se reformula, o espírito rejuvenesce e o conhecimento científico se estabelece, pelo processo de repensar, reformular e problematizar. “Quando o espírito se apresenta à cultura científica nunca é jovem. Aliás, é bem velho porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado” (BACHELARD, 2005, p. 18).

De acordo com Bachelard (2005), a ciência não se baseia nada na opinião, traduz necessidades em conhecimentos. O primeiro obstáculo a ser superado é destruindo-a. O espírito científico proíbe que tenhamos opiniões sobre questões que não compreendemos e não sabemos formular com clareza. Em primeira instância, compreende-se que saibamos formular problemas.

E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse *sentido do problema* que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico,

todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído (BACHELARD, 1996, p. 18).

O conhecimento não questionado é morada de obstáculos epistemológicos. O objeto em questão pode ser destruído por não haver firmeza e sustentação em sua base. “Quando o conhecimento empírico se racionaliza, nunca se pode garantir que valores sensíveis primitivos não interferiram nos argumentos” (BACHELARD, 2005, p. 19).

De acordo com Bachelard (2005), é possível pensar a pesquisa para além, inclinando sempre o olhar às novas construções, ou seja, em todo contexto, a pesquisa precisa estar aberta, possibilitando o acréscimo e também a retirada de alguns conceitos. São as mutações sofridas no tempo. “A cabeça bem feita precisa então ser refeita. Ela muda de espécie. O homem torna-se uma espécie mutante, ou melhor dizendo, uma espécie que tem necessidades de mudar, que sofre se não mudar” (BACHELARD, 2005, p. 20).

O pesquisador precisa se alimentar do espírito transformador, isto é, necessidades de necessidades. O espírito científico necessita sair da contemplação do mesmo para buscar o outro, como forma de respostas às suas inquietações. É nesse mecanismo que o conhecimento se constrói e reconstrói. O homem então, “[...] movido pelo o espírito científico deseja saber mais, para melhor questionar”.

## **O ENCONTRO COM A PESQUISA...**

O objeto de pesquisa que se apresenta “*Mulher, Ser ou Não “Vadia”: Corpo Feminino, Colonização e Discurso*”, em curso, tem como foco investigativo as imagens e postagens, veiculadas no Facebook, sobre a “Marcha das vadias”, realizada no Brasil.

O intuito de pesquisar inicia-se na graduação, como estudante de letras, enquanto professora, trabalhadora da rede municipal de ensino, vi a necessidade de pesquisar a imagem da mulher que brotou desses espaços e se estendeu pelas veias do programa em crítica cultural. É desse lugar que a pesquisa se desenvolve. É desse campo de militância que os discursos se desdobram e atravessam os espaços.

Venho mim constituindo, tornando-me pesquisadora, a partir desses espaços, que possibilitaram acreditar no avanço da pesquisa. E, assim, pautado nos Seminários teorias do método e aulas e debates da disciplina, do Curso Mestrado em Crítica Cultural; enxergo pontos, linhas e conexões possíveis de dialogarem com a pesquisa em curso.

A partir das “narrativas de si” aqui menciono a professora Áurea Pereira, em sua trajetória, enquanto pesquisadora, “Eu não sou professora, pesquisadora, nos tornamos todos os dias”. É desse lugar de fala que me posiciono. É dessa formação, enquanto pessoa, mulher, professora que a minha pesquisa se inclina. De acordo com a professora Sueli Messeder, é o “pesquisador encarnado”, por também fazer parte desse processo do coletivo de mulheres em luta.

Nesse intento, também cito um trecho da palestra da Professora Ana Rita Santiago, intitulada: “Uma cartografia teórico-metodológica: desassossegos e percursos”. Em sua trajetória, enquanto pesquisadora, quando ela descreve o não-lugar, como parte do seu processo formativo. E esse espaço que, por ora, não visto pela academia, não pode desvincular da sua formação científica.

O não-lugar, segundo a professora Ana Rita Santiago, representa um “celeiro formativo”, a sua participação em grupos eclesiais, mulher militante, dentro do movimento social negro. A

concepção de práxis; foi na educação popular que conheceu a prática reflexiva; e o seu percurso de trabalhadora-estudante, sem bolsas. Desconhecer é inviabilizar toda a sua formação enquanto mulher negra, professora e pesquisadora. É desse não-lugar; que também me reconheço, me fortaleço enquanto mulher, que a pesquisa toma voz.

E como como aporte teórico inicial, a pesquisa se baseia nos estudos de (BOCCHI; FERRARI, 2017), (ORLANDI, 2012), (FOUCAULT, 2014), (FOUCAULT, 2014), (SOUZA; PAIXÃO, 2015), (WEIL; TOMPAKOW, 2015); dentre outros.

Com os seminários, aulas, debates foi possível uma historicização da pesquisa que se deu da seguinte forma

## **1 — O QUE É A MARCHA DAS VADIAS?**

D1: “A Marcha das Vadias” é um movimento de militância, criado em Toronto, no Canadá, em 2011, que teve como elemento propulsor a fala de um policial que disse que as mulheres deveriam evitar se vestirem como vadias para não serem vítimas.

D2: Essa forma de representatividade aparece carregada em discursos que vem sendo alimentada pela história. Numa tentativa de transgredir a esses dizeres, propulsionaremos um viés discursivo atravessados pelo o tempo e situado nas lutas e conquistas pelo o coletivo.

D3: Os lugares enunciativos propostos através dos discursos e imagens é também ramificada pela rede social *facebook*, como forma de conexão e também escapamento.

D4: Numa tentativa que prescinde em abrir fronteiras pelos os campos discursivos.

## **2 — COMO É?**

### **EM RELAÇÃO À DEFINIÇÃO 1**

A militância como um grupo que luta por um coletivo, nessa perspectiva, pautado em direitos negados pela história. E dessa forma, pensar como as identidades femininas são construídas e identificadas nas postagens, deslizando entre as posições de partícipes do movimento e/ou de apenas seguidoras das páginas que movimentam tais postagens;

### **EM RELAÇÃO À DEFINIÇÃO 2**

Por muito tempo, o pensamento hegemônico determinava os papéis sociais que a mulher deveria exercer, os valores, os modos, os comportamentos, a maneira de vestir, etc. Assim, a imagem feminina viu-se sob o olhar e julgamento de outrem.

### **EM RELAÇÃO À DEFINIÇÃO 3**

Como um canal de que emerge e sucinta discussões, a rede é também um lugar de proliferação das imagens e discursos.

### **EM RELAÇÃO À DEFINIÇÃO 4**

No intento de abrir e cruzar fronteiras o ambiente digital, *facebook* alarga os espaços e circunda os discursos.

## **3 — POR QUE É?**

### **JUSTIFICAM-SE DE QUE FORMA? QUAIS SÃO AS CAUSAS DISSO?**

1. O discurso como conquista e espaço político, como forma de inserção é também um dispositivo potente de luta contra o sistema circular, fechado. E é pela militância, através da “Marcha das Vadias” que as mulheres se agrupam para assumir direitos que lhes foram negados pelo o contexto da história como

participantes do movimento/ ou apenas seguidoras das páginas que movimentam tais postagens.

2. No intento de quebrar os paradigmas, de transgredir a ordem pelo viés rizomático, o movimento “*A Marcha das Vadias*” mexe com as estruturas no intento de permitir a desconstrução de padrões estabelecidos, oportunizando o cruzamento de linhas fronteiriças. Através das imagens e discursos combatendo as marcas cristalizadas pela sociedade.

3. Nessa ordem, as mobilizações imagéticas que comungam de elementos verbais e não verbais nas páginas do *facebook*, reforçam o movimento multicultural e diversificado, pois manifestam práticas e diversos discursos.

4. A necessidade de uma pesquisa em crítica cultural como prática de rompimento/ desterritorialização e construções de epistemes.

#### **4 — PARA QUE:**

01: Identificar como as identidades femininas são construídas e identificadas nas postagens, deslizando entre as posições de partícipes do movimento e/ou de apenas seguidoras das páginas que movimentam tais postagens;

02: Averiguar como os discursos de cibernitância se assentam discursivamente em uma lógica do reconhecimento, revestidos de denúncia e que sustentam um dizer político sobre o corpo da mulher;

03: Refletir sobre a produção de sentidos relacionados ao corpo na constituição de modos de significação da mulher, como as mulheres significam seu próprio corpo em detrimento do pensamento de outrem.

04: Criar espaços que subvertam a ordem sistemática.

## **5 — ONDE É?**

‘A Marcha das Vadias’ como sendo um movimento de militância ancorado em lutas coletivas. Surge desse lugar e se desdobra pelos espaços políticos, movimentos de igreja, associação de comunidade, etc. É desse desejo de ativismo, que o movimento se nutre e reestabelece as suas concepções. Traçando linhas, conectando pontos, e atravessando fronteiras pelos espaços que circunda através da conectividade que se dá pela abertura das fronteiras.

## **6 — QUANDO?**

A partir dos traços e mapeamentos pretende-se construir uma investigação que promova reflexões acerca do protagonismo feminino, suscitando ampliar e aprofundar a discussão sobre a produção histórico-discursiva de lugares de enunciação da/ sobre as mulheres, na sua intrínseca relação com os processos de subjetivação e identificação do sujeito no discurso, bem como ampliar a reivindicação por direitos que se discursam não só por uma voz de denúncia cibermilitante, mas também por uma voz de denuncia através da escrita acadêmica.

A partir dos traços e mapeamentos e pelo o viés da crítica cultural pretende-se construir uma pesquisa que rompa com a ordem sistemática.

## **7 — QUEM É?**

Um movimento transgressor à ordem que, no campo da Crítica Cultural, abre para os caminhos e encruzilhadas como possibilidades de novos mapas, com aberturas para a construção de novas identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de linhas, pontos, encruzilhadas, conexões é possível pensar num mapa representativo da pesquisa que possibilite campos que fortaleça os discursos e que amplie os espaços dos coletivos de luta.

Como pressuposto, a pesquisa fortalece o campo esse campo minador que é essa travessia pelo tempo e espaço em que muitos direitos ainda estão camuflados pelos estereótipos que se estendem. A luta é contínua e a pesquisa, por sua vez, provoca a quebra nesse sistema, gerando mapas com aberturas para criarmos novas estruturas de combate.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico. *In: A noção de obstáculo epistemológico Plano da obra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Introdução: Rizoma. Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.